

O PARAÍSO EM DESENCANTO: ŽIŽEK E O CAPITALISMO

Rodrigo José Fernandes de Barros¹
Hallysson Jorge de Medeiros Nóbrega²

ŽIŽEK, Slavoj. **Problema no Paraíso**: do fim da história ao fim do capitalismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.

O esloveno Slavoj Žižek atualmente faz parte de um seleto grupo de intelectuais que também são celebridades, ao lado de figuras já conhecidas do passado e do presente, como Jean-Paul Sartre, Michel Foucault e Peter Sloterdijk. Filósofo, psicanalista, teórico social, crítico cultural e polemista, Žižek ganha cada vez mais destaque tanto na academia quanto no grande público, onde chama atenção por unir teoria marxista heterodoxa, idealismo hegeliano e psicanálise lacaniana com o cinema, a literatura, o cotidiano e o humor mordaz na busca de compreender o mundo contemporâneo,

Nas 264 páginas do seu livro *Problema no Paraíso*, Žižek parte do princípio que o capitalismo só poderá acarretar num futuro distópico para a humanidade. Estaríamos vivendo num suposto paraíso - como uma redoma de vidro - criado e sustentado para aparentar não possuir antagonismos e contradições, mas que estes estão inerentemente presentes e aos poucos começam a fragilizar a imagem sacra que erguemos.

A obra é organizada nos moldes de um jantar francês tradicional, dividida em quatro capítulos e um apêndice que levam em seus títulos os nomes de pratos de acordo com a ordem que são servidos: dos canapés ao prato principal, finalizando com a sobremesa, progredindo com o grau de complexidade dos temas abordados. Porém, é importante frisar que Žižek não escreve num fluxo contínuo que pretende guiar o leitor de um ponto ao outro num caminho objetivo, mostrando como aquilo que a princípio parecia ser o assunto central nada mais era do que um artifício para se chegar até o verdadeiro trunfo, que só é possível alcançar através de um caminho tortuoso e íngreme que precisamos realizar conjuntamente.

No primeiro capítulo, *Hors d'oeuvre?* (Aperitivos?), Žižek busca demonstrar como

¹ Graduando em Ciências Sociais pela UERN (2012-2016). Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN (2017) com ênfase em teoria social, teoria política e ideologia. E-mail: rodjfb@gmail.com

² Graduado em Direito. Mestrando em Ciências Sociais pela UFRN. E-mail: hallysson.nobrega@gmail.com

são as novas configurações que o sistema capitalista adquire em sua fase atual, caracterizado pelas crises ininterruptas e pelo estado de instabilidade como norma geral. Esse estado de crise não seria mais algo passageiro e eventual, e sim permanente. O autor defende que o que está realmente se esvaindo é o modelo de capitalismo europeu, o qual pressupunha ser a democracia um elemento natural ao lado do livre mercado. Desta forma, este modelo daria lugar ao denominado capitalismo com valores asiáticos, baseado não na cultura ou no pensamento dos povos da Ásia, mas sim nos ascendentes modelos da China, Cingapura e outros países que suspendem a democracia como elemento crucial para o funcionamento das engrenagens econômicas (ŽIŽEK, 2015, p. 25).

Žižek desenvolve um diálogo com Fredric Jameson (2014), teórico cultural norte-americano, tratando dos limites estruturais do capital, como a questão do emprego e do desemprego, sendo este último mais frequente do que jamais foi. A ausência da empregabilidade não se deve pela ausência de trabalho, mas pela rotatividade daqueles que ocupam os cargos, sempre compelidos a se atualizar em níveis extremos e muitas vezes impossíveis de serem assimilados.

Žižek aponta que o sistema estaria dando sinais da incapacidade para lidar com algumas questões cruciais do mundo contemporâneo, como a dependência das intervenções estatais para reparar danos devido a especulação financeira; a inabilidade de se lidar com o fluxo livre da produção imaterial frente ao princípio básico da gratuidade da internet; a dívida como algo que outrora quis ser execrado, mas que hoje permanece e tem motivos para permanecer, uma vez que com ela o lucro através de juros é de fácil obtenção, seja de indivíduos que simplesmente devem para os bancos até países inteiros que tomam empréstimos para recuperar suas economias (ŽIŽEK, 2015). São problemas que estariam desafiando o ponto mais forte do sistema capitalista: sua plasticidade.

No segundo capítulo, *Du jambon cru?* (Presunto?), o filósofo se aprofunda em um dos seus temas mais importantes de toda a sua obra: a questão da ideologia. Žižek advoga que o nosso mundo não está livre da ideologia como alguns pensadores gostam de afirmar quando defendem que vivemos numa realidade pós-ideológica e pós-histórica, a exemplo do cientista político norte-americano Francis Fukuyama (2015)

Para Žižek, a ideologia continua a ser um conceito atual e relevante, mas a teoria marxista clássica não seria mais suficiente. Fazendo uso também da abordagem psicanalítica lacaniana, o esloveno diz que a ideologia não seria uma falsa consciência, uma máscara que

encobre a realidade e impede os sujeitos de enxergar a verdadeira natureza das coisas. A sua proposta ousada é de que a ideologia estrutura a própria realidade através de uma fantasia social inconsciente, necessária para que a vivência seja vista como uma totalidade, embora essa mesma totalidade seja impossível devido aos antagonismos inexoráveis do mundo.

Para Žižek, o cinismo é uma manifestação chave na ideologia hegemônica do capitalismo, e aqui o autor estabelece uma conexão com a teoria da ideologia do filósofo francês Louis Althusser (2009). O cínico sabe muito bem que aquilo que se faz possui um interesse, um discurso particular, mas mesmo assim o faz, pois, a ideologia não habita a casa do *saber*, mas sim a do *fazer* (ŽIŽEK, 2015).

A ideologia é a reação espontânea dos sujeitos, independente da consciência. Žižek denuncia o que chama de ingenuidade cínica; quando se assume que tudo se resume ao poder ou ao dinheiro: o cínico comete um erro já que subestima a eficácia simbólica dessas ilusões que sustentam a realidade, as contradições e os incontornáveis problemas do social. O que Žižek também demonstra é que inconscientemente gostamos da nossa ideologia, que queremos permanecer nela uma vez que tentar escapar da mesma envolve um processo doloroso que preferimos evitar.

O último ponto explorado pelo teórico neste segundo capítulo são os novos feitios do superego, mas em seu alcance social. O superego, componente importante tanto na psicanálise freudiana quanto lacaniana, seria um componente mental presente em todos os sujeitos e que se responsabiliza por incutir nestes normas, valores e moral da sociedade, buscando censurá-los quando os mesmos rompem os mandos que espera serem reproduzidos (FREUD, 2011).

Até o início do século XX, o superego se caracterizava pelo seu caráter restritivo quanto ao prazer e aos desejos, reprimindo impulsos e, quando muito, reproduzindo o mantra de que a melhor de todas as escolhas é a moderação (FREUD, 2011). Já o superego em vigor no nosso tempo, como bem aponta Lacan (1988), possui outras demandas completamente diferentes. O principal imperativo dessa instância atualmente é: goze! Ou seja, o oposto do mando anterior. Não se pretende mais bloquear os impulsos e excessos, mas libertá-los sem obstáculos. Esses impulsos vão perfeitamente de encontro com os padrões na nossa sociedade de consumo, bem delineados por pensadores como Gilles Lipovetsky (2007) e Zygmunt Bauman (2008).

Žižek observa que, apesar dessa configuração depositar uma quantia de hedonismo como base para o bem-estar e realização, trata-se de um imperativo vazio. Em outras palavras,

não define como ou com o quê se deve gozar exatamente. Com isso os indivíduos são acometidos a elevados níveis de ansiedade e estresse por não conseguirem acompanhar as exigências de gozo total, já que estas são sempre impossíveis de se tornarem realidade. Isso é refletido em vários níveis da vivência social, como quando procuramos essa satisfação nas mercadorias, ao passo que os produtos sempre precisam ser substituídos por outros novos, pois o prazer é passageiro e as expectativas dos sujeitos são elevadas (ŽIŽEK, 2015).

O terceiro capítulo da obra, *Un faux-filet, peut-être?* (Um contrafilé, talvez?), volta-se para a análise das convulsões e explosões de violência e insurreição mundo afora, onde Žižek relembra cenários conturbados da história recente. São exemplos a Primavera Árabe que balançou e derrubou governos antes considerados estáveis (Líbia e Egito, por exemplo), os protestos e manifestação nos EUA e Turquia, assim como as revoltas que tomaram o Brasil no ano de 2013 e a guerra civil na Ucrânia que resultou num país fragilizado e dividido entre as forças pró-Occidente e russas.

Žižek assevera que esses levantes possuem uma mensagem importante, uma vez que não se localizam geograficamente nas áreas mais suburbanas do sistema econômico mundial, onde as divergências estão mais visíveis e a qualquer momento um verdadeiro barril de pólvora pode vir a explodir. Elas se dão em locais amplamente considerados estáveis ou em desenvolvimento crescente (EUA, Egito, Turquia, Europa e Brasil) e se originaram por motivos específicos que findaram por endossar outras reivindicações. No Brasil, o estopim foi o aumento da tarifa do transporte público, mas mesmo depois de atendida a reivindicação os protestos e manifestações não cessaram, progredindo para outros níveis de complexidade e de demandas (ŽIŽEK, 2015).

Mais uma vez os fatos comprovam que mesmo em locais considerados estáveis e seguros, as desigualdades e a exclusão crescem e se espalham. Elas não ocorrem somente nas classes mais baixas, sendo a classe média uma vítima também dos arrochos promovidos como remédios amargos necessários para enfrentar os conflitos e mascarar os embates das classes. Para Žižek, não se pode desprezar a pertinência da existência de classes sociais e dos seus embates, que aparentemente foram colocados em segundo plano, frente às pautas por identidades (ŽIŽEK, 2015).

A teoria política progressista também se torna alvo de Žižek, em conflito com os trabalhos dos teóricos políticos Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015), os quais o esloveno considera insuficientes e continuístas de uma socialdemocracia reformista, por depositarem a

crença da luta pela democracia em demandas fracionadas. Também tece críticas aos trabalhos de Antonio Negri e Michael Hardt (2001), acusados de ingenuidade por crerem que o capitalismo renderá brechas jamais antes vistas em sua atual situação, e que é possível, portanto, repetir o movimento realizado pelo marxismo clássico nos tempos pós-modernos. Apesar de, como dissemos, criticar outros teóricos sociais e políticos, Žižek não constrói uma verdadeira alternativa para colocar no lugar das teorias que ele critica, focando-se mais em demonstrar que estas seriam frágeis.

No quarto capítulo, *J'ai hâte de vous servir!* (Tenho prazer em servi-lo!) e, por último, no apêndice *Nota bene!* (Preste atenção!), Žižek afirma que não devemos esperar muito dos momentos sublimes de união em torno de uma causa ou demanda popular, porque esses logo perdem força e tendem a se desmanchar com cada indivíduo voltando para a sua rotina diária que antecederia o evento. O foco de uma contra hegemonia deveria ser o retorno a uma forte teoria social ŽIŽEK, 2015).

Slavoj Žižek finaliza seu livro defendendo a reestruturação de uma política universalista e global, na procura de um novo sujeito capaz de realizar transformações, diverso das concepções clássicas do marxismo – aqui Žižek concorda com Ernesto Laclau a respeito da classe trabalhadora não ser mais necessariamente a protagonista da luta anticapitalista nos dias de hoje, mas não a exclui totalmente do campo de análise - embora, paradoxalmente, também não avance, deixando o tema vago (ŽIŽEK, 2015).

Conjuntamente com as ideias do filósofo francês Alain Badiou (2012), Žižek propõe que devemos resgatar a capacidade de contemplar outras realidades possíveis para a organização da humanidade (ŽIŽEK, 2015). Impossível não verificar um endosso ao surgimento de novas vanguardas que articulem demandas globais em nome da solidariedade humana por uma teoria radical e por outra modernidade num retorno a pautas da esquerda política revolucionária.

Embora seja um intelectual com bastante perspicácia para apontar os problemas do nosso mundo, Žižek não avança na teorização do que seriam essas novas formas de manifestação política, deixando um incômodo espaço vazio a ser preenchido. Talvez seja este o seu objetivo, uma vez que o espaço permanentemente vazio não se permite ocupar por ideologias ortodoxas. De qualquer forma, *Problema no Paraíso* nos rende poderosas chaves analíticas dos mais diversos campos do saber para analisar a nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. “Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação”. In: ŽIZEK, S. **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BADIOU, A. **A Hipótese Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- BAUMAN, Z. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- ERNESTO, L; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- FREUD, S. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FUKUYAMA, F. **O Fim da História e o Último Homem**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2015.
- JAMESON, F. **Representing Capital: a reading of volume one**. London: Verso Books, 2014.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ŽIŽEK, S. **Problema no Paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.

Recebido em: Abril de 2018
Aprovado em: Fevereiro de 2019